

**As malogradas edições de *O coronel Sangrado* de Inglês de Sousa<sup>1</sup>**  
*The foiled editions of The Colonel Sangrado* by Inglês de Souza

Marcela Ferreira \*

**RESUMO:** O romance *O coronel Sangrado*, de Inglês de Sousa (1853-1918), ficou conhecido na história literária por preceder em quatro anos a publicação do primeiro romance naturalista brasileiro, *O mulato*, de Aluísio Azevedo (fato que se deu em 1881). No entanto, a pesquisa em periódicos revela que os primeiros capítulos do romance foram publicados em 1876, no jornal *O Constitucional*, e que sua segunda publicação deu-se em 1877, na *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras* – na qual o autor publicou apenas sete capítulos do livro –, consagrando-se a data da revista como a da primeira publicação do romance. Entretanto, essa edição diverge daquela que conhecemos hoje, a qual provavelmente foi estabelecida a partir da edição em livro, de 1882, feita pelo próprio autor. Pretende-se, neste artigo, demonstrar como foram essas publicações de *O coronel Sangrado*, que, pelas situações de cada uma, podem receber o epíteto de “malogradas”.

**PALAVRAS-CHAVE:** O coronel Sangrado, Inglês de Sousa, periódicos, imprensa, romance brasileiro.

**ABSTRACT:** Inglês de Sousa's novel *The colonel Sangrado* is acknowledged by the literary history as the book that preceded in four years the publication of the first naturalistic Brazilian novel, *The mulatto*, by Aluísio Azevedo (event that took place in 1881). In despite of that, the historic research reveals that the novel's first chapters were published in 1876 in the newspaper *The Constitutional*, and that its second publishing took place in 1877, in the *National Magazine of Science, Arts and Letters* – where only seven chapters of the book were published –, what conventionally established the date of the magazine's publishing as the date of the first publishing of the novel. Nevertheless, this edition diverges from the one we know today, which was probably established from the edition of the book proceeded by the author in 1882. This article intends to discuss these publications of *The colonel Sangrado* in order to prove why each of them can be described as "foiled".

<sup>1</sup> Este artigo é fruto da tese de doutorado em Letras denominada “Inglês de Sousa: imprensa, literatura e Realismo”, defendida e aprovada, na UNESP - FCL - Assis, em maio de 2015.

\* Doutora em Letras pela UNESP - FCL - Assis. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Uruaçu-Uruaçu-GO.

**KEYWORDS:** *The colonel Sangrado*, Inglês de Sousa, newspapers, press, Brazilian novel.

## Introdução

A pesquisa em periódicos do século XIX pode trazer subsídios para a compreensão e estabelecimento da História Literária Brasileira, visto que os jornais e revistas eram importantes meios de divulgação e publicação de literatura naquela época. A maioria das novidades literárias passava pelas diversas folhas, apesar de que, em sua grande maioria, tinham vida efêmera e circulação restrita. Machado de Assis, Olavo Bilac, Manuel Antônio de Almeida, dentre muitos outros, valeram-se de periódicos para publicar seus trabalhos, que saíram muitas vezes primeiramente por esse suporte e não pelo livro. Situação semelhante a do escritor oitocentista Inglês de Sousa, que colaborou na imprensa pernambucana e paulista.

Herculano Marcos Inglês de Sousa nasceu em 1853, na cidade de Óbidos, estado do Pará. Aos 12 anos, sai de sua terra natal para estudar no Maranhão, passa pelo Rio de Janeiro e termina os preparatórios em Pernambuco, matriculando-se em 1872, na Faculdade de Direito de Recife. O jovem acadêmico tem contato com o grupo denominado de “Escola de Recife” e, por conseguinte, com as ideias novas, que segundo Sílvio Romero (1910, p. 359), esvoaçavam-se de “todos os pontos do horizonte”. Durante esse tempo, o jovem escritor colabora nos jornais de Recife, restringindo-se a dois gêneros: a crítica literária e a crônica. No entanto, é nesta época, especificamente no ano de 1875, que escreve seu primeiro romance *O cacaulista*.

Em 1876, muda-se para São Paulo, matricula-se na Faculdade de Direito, onde cursa o último ano de bacharelado. O envolvimento com os acadêmicos rende participação em jornais como *A Academia de S. Paulo*. Neste publica os primeiros capítulos do romance *O cacaulista* e os contos “O recruta” e “Amor que mata”, que são publicados com uma revisão do autor, no ano de 1893, no livro *Contos amazônico*, pela Laemmert. Ainda no ano de 1876, Inglês de Sousa publica nas folhas paulistas capítulos dos romances *História de um pescador* e *O coronel Sangrado*, respectivamente, na *Tribuna Liberal* e em *O Constitucional*. Os três romances citados compõem a série que o autor denominou de “Cenas da vida do Amazonas”.

*O coronel Sangrado*, romance em evidência neste artigo, é composto de 26 capítulos, sendo a continuação de *O cacaulista*, que termina com a ida de Miguel a Belém, por causa de uma desilusão amorosa e da perda de um pedaço de terra. Em *O coronel Sangrado*, do qual os leitores só conhecerão a história na íntegra em 1882, Miguel volta para Óbidos e o coronel Sangrado, chefe local, convida-o por causa de sua rixa com o tenente Ribeiro, para participar de uma campanha política. Miguel não aceita e segue para o sítio de sua mãe. Mas o coronel vê nele o futuro genro e seu sucessor; assim começa a preparar a carreira política do rapaz, primeiramente como vereador. Os membros do partido do coronel, não compactuando com as ideias dele, armam um golpe para que Miguel não seja eleito, mas a filha do coronel, Mariquinha, ouve tudo e conta para Miguel, no intuito de que ele tomasse alguma providência. Nesse meio tempo, Miguel descobre que sua amada Rita ficara viúva e vai atrás dela, não se importando com as revelações de Mariquinha. Ao saber que Miguel não foi eleito, o coronel fica gravemente doente e, depois, quando sabe que Miguel estava de casamento marcado com a filha do tenente, tem um acesso de cólera e falece. Mariquinha acaba ficando sozinha.

Os romances *O cacaulista* e *História de um pescador* ganharam uma edição em livro, ainda no ano de 1876. O que não aconteceu com *O coronel Sangrado*, que foi publicado na *Revista Nacional* de Ciências, Artes e Letras, no ano de 1877. A primeira edição do romance em livro ocorre somente em 1882, pela Tipografia do Diário da Manhã. No entanto, a data de publicação do romance ficou fixada pela história literária oficial como sendo em 1877. Esses esclarecimentos sobre o romance e a constatação de que o mesmo teve edições malogradas, somente são possíveis com a pesquisa nos periódicos da época.

Para *O coronel Sangrado*, a data de publicação do romance tornou-se importante por causa das discussões que surgiram no século XX sobre o início do Naturalismo na literatura brasileira, visto que a obra de Inglês de Sousa precede a publicação de *O mulato*, de Aluísio Azevedo, que se dá em 1881. Todavia, não haveria implicações relacionadas ao suporte de publicação de *O coronel Sangrado*, se não fossem por algumas divergências entre as publicações, na *Revista Nacional*, em 1877 e, em livro, no ano de 1882.

### 1 – As publicações malogradas

Em maio de 1876, seguindo a tendência de outras folhas da época, o *Correio Paulistano* cria a seção “Revista dos jornais”, com a intenção primordial de “dar aos leitores a summa de tudo o que for publicado nos jornais da capital, quer diários, quer periódicos” (REVISTA..., 1876, p.2). A partir das informações veiculadas nessa seção, é possível recolher informações sobre o periódico *O Constitucional*, que se autodenominava conservador, com publicações esparsas, às vezes semanais, outras quinzenais. É nessa folha que ocorre a primeira aparição de *O coronel Sangrado* na imprensa, exatamente no dia 11 de maio de 1876. O romance, subtítulo de “Cenas da vida do Amazonas”, é assinado por Luiz Dolzani, pseudônimo que não chega a ocultar o nome de seu autor, visto que na imprensa paulista a autoria é revelada para todos os leitores. As notícias sobre a publicação do romance na folha em questão são publicadas até julho de 1876, na seção do *Correio Paulistano*.

De *O Constitucional* há somente notícias, o que impede a confirmação da quantidade de capítulos publicados no referido periódico. O último anúncio da publicação é de 19 de julho de 1876, no 14º número do jornal. No número seguinte, anuncia-se a publicação de outro romance, *O meu simpático*, de Xavier. Seria um substituto do romance? Ou os dois foram publicados ao mesmo tempo? A dúvida persiste sobre a situação do romance no jornal *O Constitucional*.

Concomitante com a publicação em *O Constitucional*, Inglês de Sousa publica na *Academia*, o romance *O cacaulista*. Na verdade, *O coronel Sangrado* é a continuação deste, mas o autor opta nesse instante pela publicação dos dois, ocupando os jornais paulistas de sua literatura amazônica. Por esse aparecimento de forma intensa na imprensa acadêmica paulistana, já que nesse período também publica contos, Carlos Ferreira, apresenta o jovem escritor na imprensa diária, fazendo uma apreciação crítica de sua ficção, no dia 28 de maio de 1876, no *Correio Paulistano*. Apresentando Inglês de Sousa e comentando os dois romances citados, o poeta afirma:

Tanto um como outro são dois trabalhos dignos de nota, dois cometimentos de fôlego que trazem em si a tríplice bondade do interesse no entrecho, de verdade no desenho dos costumes do norte, e da simplicidade e naturalidade do diálogo e no estilo em geral!

Ambos são admiráveis fotografias da natureza opulenta do Amazonas, caráter especial do povo e cunho pitoresco de seu viver íntimo e digno de ser devidamente poetizado.

Luiz Dolzani, a meu ver, promete ser, dentro de pouco tempo, o romancista por excelência nacional, mais pronunciado que o sr. Alencar, mais abundante que o sr. Juvenal Galeno, mais verdadeiro e correto que o dr. Bernardo Guimarães (FERREIRA, 1876, p. 1).

Carlos Ferreira em seu texto, que em junho do mesmo ano foi cedido na íntegra para o jornal carioca *O Globo*, ainda anuncia que Inglês de Sousa pretendia publicar “em volume brevemente” os dois romances. Concretizou-se, ainda em 1876, a publicação de *O cacaulista*, pela Tipografia do Diário de Santos e, de outro romance, que também foi publicado na imprensa, *História de um pescador*. Em janeiro de 1877, com a derradeira publicação em volume de *O cacaulista*, o *Correio Paulistano* afirma que o *Coronel Sangrado*, “brevemente sairá a luz” (PUBLICAÇÕES..., 1877, p. 1), o que não acontece tão prontamente. Os jornais silenciam sobre o romance, quando finalmente em agosto de 1877 são anunciadas as novidades literárias do próximo volume da *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras*, dentre elas, a publicação do romance *O coronel Sangrado*.

A *Revista Nacional* foi fundada em julho de 1877, por Inglês de Sousa e Antonio Carlos Ribeiro, sendo amplamente divulgada nos jornais do Rio de Janeiro, Recife, São Paulo e Campinas. Há um esforço por parte dos editores de divulgar a *Revista* pelo Brasil, fato que pode ser atestado pelas propagandas persistentes nos jornais. A *Revista* era publicada uma vez por mês e tinha de 64 a 150 páginas. Propunha-se, conforme o anúncio da *Gazeta de Campinas*, a “reunir e dar a lume as melhores produções inéditas dos homens de letras do Brasil, tanto no campo da ciência, como no da literatura e das artes” (A REVISTA..., 1877, p. 4). Com assinaturas de 5.000 réis por ano para Santos e São Paulo e, de 6.000 réis para “qualquer ponto do Brasil ou do estrangeiro”, os editores também prometiam que em cada número apareceria “uma crônica do movimento literário, científico e artístico do mundo

civilizado e um boletim bibliográfico do que de mais importante se publicasse na Europa e na América” (*Ibidem*).

No primeiro volume da *Revista Nacional*, que corresponde ao período de julho a setembro de 1877, Inglês de Sousa colabora com crônicas e com o conto “O sineiro da matriz”, gênese do conto “O rebelde”, dos *Contos amazônicos*. É somente no 2º volume da Revista, de outubro a dezembro de 1877, que são publicados os primeiros capítulos de *O coronel Sangrado*. O volume é divulgado nos meses de novembro e dezembro, estendendo até março de 1878.

Um dos divulgadores do periódico é Franklin Távora, que na seção “Publicações da quinzena”, da *Ilustração Brasileira*, apresenta o mais recente número da Revista, ressaltando que “não desdiz dos anteriores, nem sob o aspecto da forma literária nem sob o dos assuntos que nele vem a lume” (TÁVORA, 1877, p. 181). Depois, concentra-se em avaliar *O coronel Sangrado*:

No romance de costumes, intitulado - *O coronel Sangrado* -, oferece-nos o Dr. Inglês de Sousa, seu autor, descrições fiéis e animadas da vida dos habitantes do Amazonas.

A natureza esplêndida desta grande região aparece sobriamente reproduzida, não sem graça e interesse, em alguns pontos do trabalho de que estamos tratando.

[...]

O *Coronel Sangrado* é um novo subsídio da literatura do norte (*Ibidem*).

Nesse texto de divulgação da revista e principalmente do romance, Távora ainda transcreve excertos da obra, dando destaque às passagens em que a natureza é descrita, como a carta escrita pela personagem Miguel a bordo do vapor Madeira, em sua viagem de retorno a Óbidos.

No segundo volume da *Revista Nacional*, Inglês de Sousa publicou os sete primeiros capítulos de *O coronel Sangrado*, cinco na primeira parte do segundo volume e dois na segunda parte. Depois da publicação desses números, não há menção nos jornais sobre outros números do periódico; foram, provavelmente, publicados na *Revista* apenas os primeiros capítulos do romance em questão. Depois disso, há um novo silêncio na imprensa sobre o romance, que é

quebrado somente em janeiro de 1881, quando é anunciada pelo periódico paulista *Jornal da Tarde* a publicação em volume de *O coronel Sangrado*, assinado por Luiz Dolzani, “pseudônimo de um [dos] mais aplaudidos romancistas brasileiros” (*O CORONEL...*, 1881, p.2). A publicação em livro não acontece nesse ano.

A partir das notícias dos jornais, é possível constatar que *O coronel Sangrado* não foi publicado em livro no ano de 1877. Nesse ano, apenas os primeiros capítulos do romance foram publicados. Se o romance tivesse sido publicado em livro em data anterior, ou mesmo no ano de 1877, data na qual o romance ficou vinculado, a sua venda seria provavelmente anunciada nos jornais paulistas, como ocorreu com os romances *O cacaulista* e *História de um pescador*, divulgados até dezembro de 1879. Outro fato é que na época não era comum publicar ao mesmo tempo um romance em periódico e em volume, assim sendo, o último número da *Revista* é impresso em 1878, apesar de corresponder a dezembro de 1877, praticamente descartando a possibilidade de *O coronel Sangrado* ter sido publicado no ano anterior. Somente Rodrigo Octávio, biógrafo do autor, ao resumir as notas bibliográficas de Inglês de Sousa em 1955, esclarece que *O coronel Sangrado* foi publicado pela primeira vez na *Revista Nacional*, em 1877, e em volume, no ano de 1882, pela Tipografia do *Diário da Manhã* (OCTAVIO FILHO, 1955, p. 43). A informação sobre a publicação em livro pode ser confirmada pela capa do romance (Figura 1).

O coronel *Sangrado* de 1882



Figura 1- Primeira página do romance, publicado em 1882 pela Tip. do Diário da Manhã.

Fonte: Sociedade Humanitária dos Empregados no Comércio de Santos.

Desperta estranheza tanto a ausência de propagandas para comercializar *O coronel Sangrado*, em decorrência de sua publicação em livro, como também a parcimoniosa menção ao romance feita por aqueles que se reportaram a Inglês de Sousa. Em 1882, somente Távora cita o romance em seu artigo “La literatura brasileira – escritores del Norte del Brazil”, na *Nueva Revista de Buenos Aires*, sem nenhuma referência que o romance tinha sido publicado recentemente. Entretanto, em *A Semana*, no ano de 1887, ao listar os escritores do Norte, refere-se ao romance em sua publicação na *Revista*, não mencionando nada sobre o volume: “Inglês de Sousa deu a lume na *Revista Nacional* o ‘Sineiro da matriz’ e *O coronel Sangrado*, em separado ‘O recruta’, primeiro de uma série intitulada ‘Contos do Amazonas’” (TÁVORA, 1887, p. 363). Importantes críticos literários contemporâneos a Sousa também não se referem ao romance. Sílvio Romero, apesar de citar Luiz Dolzani como romancista integrante da segunda fase da Escola de Recife, sendo um dos fundadores do “movimento espiritual” que espalhou “as novas ideias que



modificaram a nossa velha intuição romântica” (ROMERO, 1888, p. 1187), não explicita sobre as obras do autor em seus livros de crítica. Araripe Júnior na análise de *O missionário*, nem ao menos cita as primeiras obras de Sousa. A mesma situação de Araripe é válida para José Verissimo. Os necrológios de Sousa também não informam com precisão sobre seus primeiros romances, muitas vezes sem citá-los, pondo em destaque apenas *O missionário* e *Contos amazônicos*.

O romance que é lido hoje pelas duas edições da Universidade Federal do Pará (1968 e 2003) é oriundo de uma edição rara de 1882 e, não da edição da *Revista Nacional*, pois nesta foram publicados apenas sete capítulos e esses ainda apresentam algumas diferenças dos mesmos capítulos publicados em livro. Estudiosos posteriores que levantaram a bandeira da importância de Inglês de Sousa para a literatura brasileira, não afirmam com exatidão sobre a edição utilizada em seus estudos sobre o autor. Lúcia Miguel Pereira, por exemplo, na relação dos “Livros consultados”, de sua *História da literatura brasileira: prosa de ficção de 1870 a 1920*, dá o seguinte esclarecimento: “faltando a folha de rosto do volume consultado não se podem precisar o lugar e a data da impressão, que *devem ser* São Paulo, 1877” (PEREIRA, 1957, p. 321, grifo nosso).

O ano de publicação de *O coronel Sangrado* que se fixou foi 1877, portanto, aquele da publicação dos sete primeiros capítulos na *Revista Nacional*, que tinha a opção de ser encadernada com requinte. De toda forma, é preciso ressaltar que, se considerarmos a publicação em periódico, o romance é de 1876, pela publicação também de alguns capítulos no jornal *O Constitucional*, mas se trata de um jornal efêmero, que não foi tão divulgado como a *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras*. No ano de 1882, não há propaganda nos principais jornais paulistas e cariocas divulgando a publicação do romance em livro. Esta primeira publicação em volume de *O coronel Sangrado*, pela Tipografia do Diário da Manhã, não teve nenhuma repercussão.

## 2 – Comparações: revista *versus* livro

Por suas edições malogradas, não é possível falar em repercussão de *O coronel Sangrado* no século XIX. Os poucos comentários e citações da obra são em decorrência da publicação na *Revista Nacional*. Ademais, o romance é apenas

lembrado em circunstâncias diversas, como na publicação de *O missionário* em 1891 e nas congratulações pelo aniversário do autor. Assim sendo, infere-se que o romance não foi lido por muitas pessoas naquela época, o que reflete também numa ausência de crítica propriamente dita. No século XX, Lúcia Miguel Pereira têm papel importante na renovação dos estudos sobre Inglês de Sousa, analisando com minudência o romance em questão.

Para Lúcia Miguel Pereira, Inglês de Sousa conseguiu captar a vida com seus sentidos aguçados e espírito livre em *O cacaulista* e *História de um pescador*, aprimorando essas qualidades em *O coronel Sangrado*, “onde a objetividade rigorosa, tão cara a Flaubert, deixou entretanto ao autor liberdade de movimentos, onde a vida política e social de uma pequena cidade provinciana é pintada com precisão” (PEREIRA, 1957, p. 160). Além disso, afirma que o livro é “prematureo; introduziu aqui os novos métodos antes do momento propício” (*Ibidem*). Afirmações que podem ser questionadas na atual conjectura. É inquestionável que Sousa trabalha de forma bem mais realizada as características do Realismo nesse romance, chegando até mesmo a ousar em certos momentos, dando ares de Naturalismo, no entanto, os capítulos publicados são diferentes daqueles do livro editado em 1882.

Os sete capítulos publicados na *Revista Nacional* diferem, não com mudanças substanciais, dos mesmos publicados em livro. Primeiramente, os capítulos foram intitulados da seguinte forma: 1: Na botica, 2: O coronel Sangrado, 3: A bordo, 4: Mariquinha, 5: O recomendado do sr. tenente-coronel, 6: A ideia do coronel Sangrado e 7: No Paranamiri. Os títulos apenas remetem à situação ou à personagem em foco no capítulo. Além disso, o autor ora retira, ora muda algumas palavras, trocando por sinônimos; às vezes exclui frases inteiras, ou mesmo as reescreve. Mas, de toda forma, preserva-se o fio narrativo. No entanto, duas mudanças chamam a atenção.

A primeira delas é o uso do vocábulo *patológico*, no capítulo 2, que não aparece na publicação da *Revista Nacional*, sendo acrescido em livro. A palavra aparece quando se explica a aptidão do coronel Sangrado com as sangrias: “costuma também ele receitar muitas sangrias, e como sucedeu que em alguns casos *patológicos* não fez mais do que aliviar os males do doente” (SOUSA, 2003, p. 36). A palavra

aparece quando se explica a aptidão do coronel Sangrado com as sangrias: “costuma também ele receitar muitas sangrias, e como sucedeu que em alguns casos *patológicos* não fez mais do que aliviar os males do doente” (SOUSA, 2003, p. 36). A palavra é empregada na medicina e este acréscimo pode significar uma preocupação do autor com as novas ideias na literatura, sentidas e divulgadas com mais intensidade na década de 1880.

A segunda alteração também se trata de um acréscimo, na edição de 1882, ocorrido no mesmo capítulo. É um parágrafo longo, abordando a atuação do coronel Sangrado nas eleições:

Tal era o homem na guarda nacional e nas eleições. Quando se tratava de levar votantes à urna, Severino de Paiva era o mesmo comandante de batalhão despótico e malcriado, cheio de iras e de arrotos de importância. Vinha isso de entender ele que em política partidária deviam reger as mesmas leis de disciplina militar que queria fazer prevalecer para a guarda nacional. Para ele, guarda era sinônimo de votante, e estava intimamente convencido de que se o governo lhe confiara o penacho de tenente-coronel comandante, fora para alinhar os votantes como alinhava os soldados, para fazer descarregar cédulas na urna como fazia descarregar as velhas e enferrujadas espingardas dos seus subordinados. O governo, no entender de Severino de Paiva, era uma entidade superior, infalível e toda-poderosa que distribuía patentes e arrecadava votos. Uma derrota eleitoral para o tenente-coronel seria como uma sedição entre os seus guardas, coisa que ele não podia acreditar que jamais acontecesse, porque seria ela uma negação de toda a ordem social, segundo as ideias do digno oficial. A guarda nacional e as eleições eram as duas coisas que mais o preocupavam, e que tinham o poder de mudá-lo completamente, transformar-lhe o caráter e alterar-lhe profundamente os sentimentos (SOUSA, 2003, p. 35).

As descrições feitas por Inglês de Sousa mostram o voto de cabresto, muito comum durante as eleições no Brasil Império. O coronel Sangrado se porta como um tirano, leva sua função ao extremo e acredita que o governo é uma “entidade superior”, que definia os postos que ocupavam e arrecadava votos. Cego por sua importância e autoridade, não acredita que possa acontecer uma derrota eleitoral, para ele isso seria um crime grave, como uma sedição. Esse parágrafo adicionado na publicação em livro pode revelar que ao

reescrever *O coronel Sangrado* o autor se preocupou em retratar a política com mais precisão.

Entre 1877 e 1882, Inglês de Sousa se envolveu profundamente com a política, fundando e editando jornais que defendiam o partido liberal, candidatando-se a deputado e sendo nomeado para importantes cargos públicos. Provavelmente, essa vivência influenciou na reescrita do romance, em que ele incorpora cenas interessantes sobre a temática.

De toda forma, a parte do romance publicada na *Revista* já revela a relação da obra com a estética realista. No prefácio de *História de um pescador*, Inglês de Sousa, provavelmente pensando sobre a nova estética, aponta um defeito em sua obra: a descrição das personagens, que aparecem sem que se precedesse o “retrato físico e moral” (SOUSA, 2007, p. 41). Em *O coronel Sangrado* já se verifica uma modificação, pois as personagens aparecem e logo são apresentadas, com informações tanto sobre os aspectos físicos quanto sobre os psicológicos. Percebe-se a apresentação não só das personagens principais, que têm constante atuação no romance, mas também das secundárias, que não têm muita participação na história, mas que se fazem importantes por representarem a região amazônica. A personagem coronel Sangrado é alvo de várias (descrições, nas quais o narrador lhe atribui diversas características:

O tenente-coronel Severino (a personagem que acaba de entrar na botica do Anselmo) era um homem magro e comprido, de pequenos olhos pardos, de maçãs salientes e de nariz fenomenal. Em lugar de bochechas tinha concavidades escuras; a boca tinha-a grande e feia, de delgados e pálidos lábios, de dentes magros e enormes. O queixo pontiagudo parecia querer encontrar-se à força com o nariz, as orelhas afastadas do crânio tinham ares de abanos, e os cabelos de um louro ardente, engordurados e corredios, caíam-lhe desmazeladamente sobre a estreita fonte. Uns espessos bigodes da cor dos cabelos, e cortados em forma de escova, cobriam-lhe quase a boca, e um cavanhaque comprido e fino dava-lhe certo ar de petulância burlesca. Pés e mãos enormes. Quando andava sacudia desajeitado os braços e as pernas, e entesava o busto, atirando a cabeça para trás. Vestia quase sempre ampla sobrecasaca de brim branco, calças e colete de ganga amarela, e usava o clássico chapéu-de-manilha. Os enormes

sapatos de enfiar trazia-os sempre lustrosos e limpos; em compensação a camisa não atestava muda frequente. As unhas grandes, a barba de três dias, a caixa de rapé e o lenço encarnado. (SOUSA, 2003, p. 33).

A descrição da personagem coronel Sangrado é pertinente aos romances realistas, revelando o feio e o sujo, tendo em vista que a personagem beira ao horror, como uma figura desajeitada e monstruosa, todo desalinhado fisicamente, até mesmo ao andar, sacudindo os braços e as pernas desajeitadamente. O desasseio também é parte dessas características, pois o capitão traz os cabelos “engordurados”, além de “unhas grandes” e “barba de três dias”. Outro exemplo importante dessas descrições realistas refere-se à filha de Sangrado, a Mariquinha, que é apresentada como feia, apesar do narrador mostrar os contrastes ligados à fisionomia da moça:

A filha do tenente-coronel não era uma rapariga bonita, e havia mesmo quem a dissesse feia. Nisto, porém, lhe faziam injustiça. Ela tinha magníficos cabelos castanhos que lhe caíam abundantemente sobre as espáduas, e uns olhos pardos, grandes e lânguidos, quase sempre ocultos por compridas e sedosas pestanas, mas que quando apareciam lançavam um olhar doce, meigo, acariciador. A tez alva e pálida de ordinário, finíssima a pele, o nariz sem graça e comum, grande a boca, mas completos e alvíssimos dentes. O pescoço um tanto comprido, mas bem feito, delgado e flexível o talhe, o busto de perfeição admirável. Os pés e as mãos nem pequenos nem grandes. Tinha quando andava movimentos, ondulações de cobra, requebros que despertavam o despeito das amigas, que alcunhavam-na de faceira (SOUSA, 2003, p. 50).

A moça era chamada de feia, feiarrona, velhita, alcunha dada por seu pai e pelas pessoas, quando se referiam a ela. Além disso, o ridículo ronda a moça, que se veste com um vestido, na ocasião em que recebe Miguel em sua casa, que seria como o “supra-sumo do ridículo no Pará”, mas que em Óbidos era a última moda (SOUSA, 2003, p.49). A sujeira e a feiura são características frequentes nas personagens do romance, revelando a descida de tom na literatura e ligando o romance ao Realismo, saindo do idealismo romântico.

Em dois momentos, Inglês de Sousa também deixa clara a influência do meio para a alteração da personalidade das personagens. O tempo passado em Belém muda as ideias de Miguel, no entanto “se a civilização lhe modificara as ideias, não havia tido grande influência sobre os seus sentimentos”:

Miguel, que viveu cinco anos na cidade de Belém, com a sociedade mais culta do Pará, tinha todos os exteriores do homem civilizado, mas ainda conservava muito do antigo pescador do Paraná-Mirim. A vida da cidade conseguira modificar-lhe o caráter e abrandar-lhe o gnio, mas não o curou radicalmente.

O rapaz, diferentemente de outros tempos, almejava agora a paz e a tranquilidade e queria esquecer as injúrias outrora recebidas, mas isto não era mais que uma vitória ganha pela cabeça sobre o corao. Homem ilustrado hoje, ele abjurava as mesquinhas ideias de outras eras, mas, mau grado seu, o corao ainda sentia o espinho de um ressentimento vago que Miguel não ousava confessar a si mesmo. O que dissera ao coronel Sangrado, o que fizera ver em bidos era o que queria sentir, mas não era o que verdadeiramente sentia. (SOUSA, 2003, p. 66).

O narrador descreve na figura de Miguel uma dualidade entre quem ele realmente era e o que aparentava ser, que também  mostrada em outra passagem, quando descreve o moço no vapor Madeira:

A cabeça constantemente erguida dava ao passageiro do Madeira um ar nobre e altivo, temperado pela placidez das feies. O corpo era elegante, não dessa elegância afetada dos nossos ridículos *gomeux*; mas de uma elegância natural, quase selvagem. Via-se que a vida das cidades dificilmente moldara  sua feio uma natureza virgem. Por vezes, pelos movimentos bruscos que como descuidadamente o assaltavam, via-se perfeitamente aparecer o filho do mato sob o invlcro mentiroso do cidadão. Um observador veria sob as vestes da moda bater o peito do matuto ingnuo e simples. Para os que o cercavam, porém, o passageiro do Madeira era um moço do tom que viera trazer da capital as últimas modas e as últimas notícias. Era um objeto de inveja, porque decerto excitaria a imaginao de todas as moças da terra (SOUSA, 2003, p. 41-2).

A relação entre o meio e a influência deste sobre a personalidade também é vista na descrição de Mariquinha. Deixa-se claro que, “educada como o fora, a sua incapacidade era real para as lutas do galanteio”. A menina apresentava uma excessiva timidez e um extraordinário acanhamento, mas quando estava com suas amigas íntimas era outra pessoa, existindo “em sua alma aquela contradição frequente nos espíritos que uma educação rigorosa e acauteladora tem enchido de timidez, fazendo-os retrair-se e concentrar-se, tolhendo-lhe as livres manifestações”. A moça se tornou assim por causa da educação recebida da mãe, uma mulher que “não sabia ler nem escrever, grosseira em excesso, de uma baixeza de linguagem e de sentimentos”, que a maltratava e pretendia ter “sobre a filha o direito do senhor sobre o escravo”. A menina, fraca e tímida de caráter, andava sempre com os olhos vermelhos, do “pranto frequentemente vertido”. A moça só não chegou às últimas consequências dessa educação repressora, porque foi levada para Santarém, aos cuidados de uma senhora portuguesa, que conseguiu desenvolver na menina os “dotes de espírito que a primeira educação tinha quase apagado”, adquirindo também “modéstia de maneiras”. De toda forma, a timidez e o acanhamento permaneceram e “as suas grandes virtudes ficavam como que ocultas sob aquele modesto invólucro, e só para quem a conhecesse bem, Mariquinha poderia revelar-se” (SOUSA, 2003, p. 56).

Nos capítulos publicados na *Revista* também há uma mudança de foco. Na conversa entre o capitão Matias e Emília, na botica, percebe-se que a pergunta recai sobre se Miguel gostava de Mariquinha, e em livro dá-se o contrário. Tudo isso é perceptível pela mudança de gênero na fala do capitão, de “o moço gosta dela?”, no primeiro texto, para “A moça gosta dele?”, em livro. No capítulo 6, “A ideia do coronel Sangrado”, o narrador já mostra que enquanto na cidade todos falavam do casamento entre Miguel e Mariquinha, o moço, que estava no Paraná-mirim, “ardia pela filha do tenente Ribeiro, e era presa de sentimentos contrários, de uma paixão viva” (SOUSA, 1877, p. 148). Essa frase é retirada da versão em livro, não antecipando acontecimentos futuros e deixando a história se voltar para o amor que Mariquinha sente por Miguel e, no final, sua tristeza.

Emília, que aparece na botica, não tendo outras participações na história, é descrita com sensualidade. A moça é faceira, tem entre 18 e 20 anos, e é escrava do coronel Sangrado. Aliás, a palavra escrava aparece apenas na primeira versão, substituída por crioula. A descrição da moça, que recebe o epíteto de “chibante”, recai sobre seu vestido “extremamente decotado”, usando alecrim e manjerona atrás da orelha; sendo “faceira e dengosa, ria-se a todo o momento, deixando aparecer duas ordens de magníficos dentes, pequenos e afiados”.

Na transposição desses primeiros capítulos para o livro, Inglês de Sousa também retirou uma remissão ao leitor do capítulo 2 - “imagine-a o leitor”-, alguns parênteses com explicações sobre a história (sobre Óbidos - “porque em Óbidos não há quintais murados”, sobre a botica do Anselmo, “como em todas as terras pequenas, era o centro das intrigas” e também sobre o Uricurizal, “não vale dez réis de mel coado”), e as notas de rodapé que informavam ao leitor as passagens que ligam o romance a *O cacaulista*.

A essência de *O coronel Sangrado* já está nos primeiros capítulos da Revista, revelando que o autor, como nos outros livros e contos publicados na mesma época, mostra-se filiado à estética realista, *da forma como ele a compreendeu*. No entanto, o título de inaugurador da estética naturalista, por antecipação ao romance *O mulato* de Aluísio Azevedo, de 1881, dado por alguns estudiosos, é questionável, visto que não é possível afirmar que o romance que se lê hoje, estabelecido pela edição de 1882, é o mesmo de 1877. A versão publicada em livro foi reescrita, com alterações, exclusões e acréscimos, como se observou nos apontamentos feitos sobre os primeiros capítulos do romance publicados na *Revista*. Cabe ressaltar que Sousa também revisou seus contos para a edição de 1893, dos *Contos amazônicos*.

### **Considerações Finais**

Em 1882, ao mencionar *O coronel Sangrado* em sua crítica, Távora expõe as formas pelas quais o romance é escrito, afirmando que é “una evolución que recomienda el escritor al examen del futuro historiador de la literatura brasileira” (TÁVORA, 1882, p. 236-7). Ainda valorizando os



primeiros romances de Sousa, sustenta que são “libros de mérito”, mas que o próprio autor os considera “meros ensayos”(Ibidem). Sousa não se pronuncia sobre os comentários de Távora, no ano em questão, dedica-se à advocacia e à política, deixando de lado a imprensa e a literatura. Nem mesmo a publicação em livro de *O coronel Sangrado* é divulgada pelo autor. Fato que provavelmente concorreu para o romance cair no esquecimento.

Contudo, ao revisar a História Literária Brasileira, os críticos do século XX trouxeram à luz o romance de Sousa. Assim sendo, não só *O coronel Sangrado*, como também *O cacaulista e História de um pescador*, ganharam uma segunda edição em livro, pela editora da UFPA. No entanto, a participação do autor na imprensa ainda não tinha sido estudada, o que traz novos subsídios para se repensar a obra do escritor paraense.

A publicação dos capítulos de *O coronel Sangrado* na *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras* não correspondendo *ipsis litteris* à publicação em livro, nos leva a questionar novamente o título de inaugurador da estética naturalista dado ou explicado pelos críticos. Como o livro só foi publicado na íntegra em 1882, então Inglês de Sousa já conhecia toda a polêmica levantada por *O primo Basílio* (1878), a publicação de *O mulato* (1881) de Aluísio Azevedo, a divulgação dos livros de Eça de Queiroz, Flaubert, Zola, e mais perto dele, o livro *O naturalismo* em literatura (1882) de Sílvio Romero. É provável que o argumento principal do romance já estivesse pronto em 1876, mas o estilo naturalista encontrado em alguns episódios pode muito bem ser o resultado de uma reescrita/revisão para a publicação de 1882. Isso explicaria os traços naturalistas do romance, que chamaram tanto a atenção dos críticos no século XX. Ainda não é possível pôr uma pedra na questão, em relação às modificações feitas pelo autor na reescrita da obra, pois somente com o manuscrito completo poder-se-ia afirmar qual o verdadeiro estado da obra no ano de 1877. Pelas evidências levantadas, a disputa entre Inglês de Sousa e Aluísio Azevedo, pela primazia de inaugurador da estética naturalista, está abalada; no entanto, nada impede de afirmar que o autor paraense é um realista com seus romances e contos.

### Referências

- A REVISTA nacional. *Gazeta de Campinas*. Campinas - SP, p. 4, 31 de jul. 1877.
- FERREIRA, Carlos. Luiz Dolzani. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 1, 28 maio 1876.
- O CORONEL Sangrado. *Jornal da Tarde*, S. Paulo, 15 jan. 1881.
- OCTAVIO FILHO, Rodrigo. *Inglês de Sousa*. 1º centenário de seu nascimento. Rio de Janeiro: Editora Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1955.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira: prosa de ficção de 1870 a 1920*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1957.
- PUBLICAÇÕES. *Correio Paulistano*, S. Paulo, p. 1, 14 jan. 1877.
- REVISTA dos jornais. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 2, 12 maio 1876.
- ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. (1830-1877). Tomo II. Rio de Janeiro, Garnier, 1888.
- \_\_\_\_\_. *Provocações e debates*. Contribuições para o estudo do Brasil social. Porto: Livraria Chardon/Imprensa Moderna, 1910.
- SOUSA, Inglês de. O coronel Sangrado: (cenas da vida do Amazonas). Belém: EUDFPA, 2003. p. 36.
- \_\_\_\_\_. O coronel Sangrado. *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras*, São Paulo, out - dez 1877.
- \_\_\_\_\_. O coronel Sangrado : (cenas da vida do Amazonas). São Paulo: Tipografia do Diário da Manhã, 1882.
- \_\_\_\_\_. Ao leitor. I: SOUSA, H. Inglês de (Herculano Inglês). *História de um pescador: (Cenas da vida do Amazonas)*. Belém: EDUFPA, 2007.
- TÁVORA, Franklin. *Escritores do Norte do Brasil*. A Semana, p. 363, 26 nov. 1887.
- \_\_\_\_\_. Publicações da quinzena. *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 35, p. 181, 1º dez 1877.
- \_\_\_\_\_. La literatura brasilera - escritores del Norte del Brasil. *Nueva Revista de Buenos Aires*, Buenos Aires, Ano II, Tomo V, Buenos Aires - Argentina, 1882. Ano II, Tomo V.